

NÔ PINTCHA

ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO

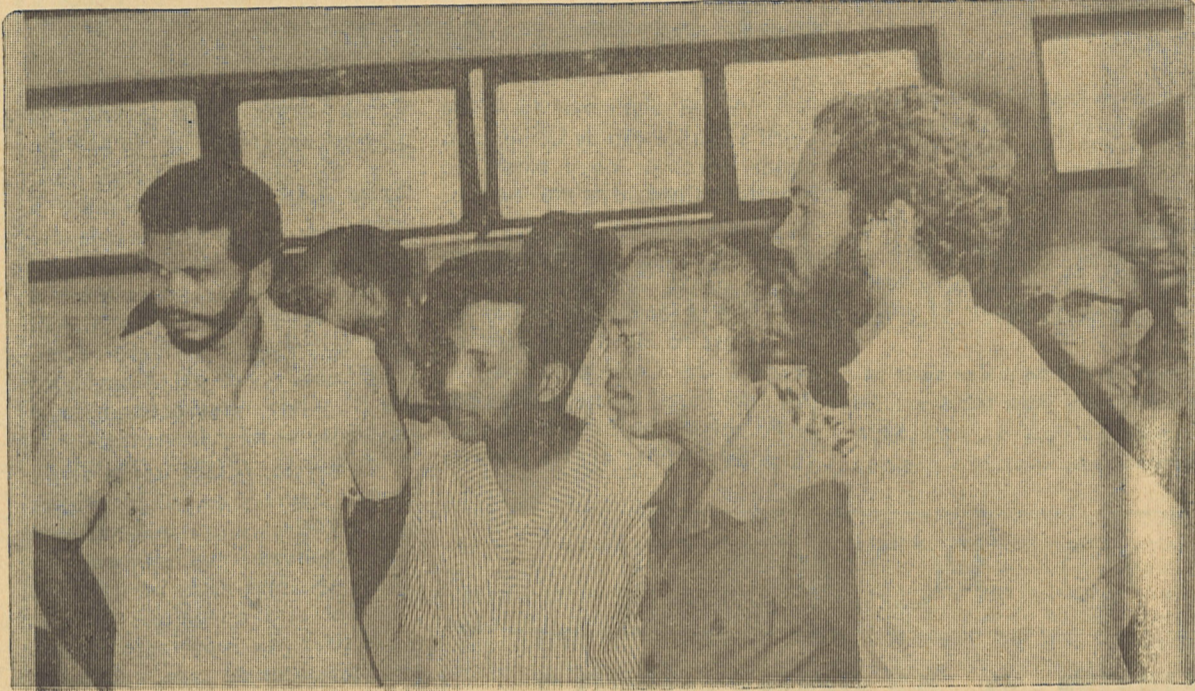
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFS.: 3713/3726/3728 — BISSAU

TROPAS RACISTAS RETIRARAM-SE DE ANGOLA

As tropas racistas sul-africanas retiraram-se totalmente do sul de Angola, pondo fim à invasão à jovem República Popular de Angola, anunciando as agências estrangeiras.

Na fronteira entre Angola e a Namíbia, correspondentes estrangeiros observaram a retirada dos últimos soldados sul-africanos. O ministro racista da «Defesa», Piet Botha, assistiu à passagem da última coluna de blindados «Panhard» pela ponte sobre o rio Cunene, a caminho da Namíbia, às 8 horas e 15 minutos TMG do passado sábado.

Num comentário feito ontem, a agência Tass salientou que a retirada das tropas sul-africanas marca «uma grande vitória do povo angolano», já que a jovem República Popular de Angola, dirigida pelo MPLA, com a ajuda fraternal dos países amigos, inflingiu uma pesada derrota aos agressores imperialistas, que se viram obrigados a debandar para uma estreita faixa do sul do território angolano, de onde agora acabaram igualmente por sair.



LUIZ CABRAL NO ANIVERSÁRIO DO NOSSO JORNAL:

"O NÔ PINTCHA TEM QUE SER UMA ARMA CONTRA OS INIMIGOS DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL"

Constituiu um êxito a festa do primeiro aniversário do nosso jornal, realizada no sábado à tarde, nas instalações do Comissariado da Informação e Turismo, e que o camarada Presidente Luiz Cabral, numa síntese feliz, classificou como «uma festa de responsabilidade».

Podemos dizer que este êxito excedeu todas as nossas expectativas, o que se deve à presença amável dos nossos convidados, e particularmente dos dirigentes do Partido e membros do Governo, que quiseram honrar-nos com a sua participação na nossa festa.

Estes começaram a chegar ainda antes das 18 horas, hora a que estava prevista a inaugura-

ção, pelo Presidente Luiz Cabral, de uma exposição subordinada ao tema «Um ano na vida do mundo», que constitui uma retrospectiva do nosso trabalho durante o primeiro ano de publicação do «Nô Pintcha».

O camarada Luiz Cabral foi precisamente um dos primeiros a chegar às instalações do Comissariado, onde foi recebido pelo camarada Manuel dos Santos, «Manecas», Comissário de Estado da Informação e Turismo, pelos directores dos vários departamentos deste Comissariado e por vários trabalhadores, nomeadamente do «Nô Pintcha».

Pouco a pouco foram afluindo outros camaradas dirigentes: Paulo Correia, membro do CEL e presidente do Comité de Estado da Região de Bissau; Lúcio Soares, também do CEL e vice-chefe de Estado-Maior das Forças Armadas; Manuel Saturnino, do CSL e Comissário de Estado dos Antigos Combatentes; Bobo Keita, do CSL e comandante militar adjunto da Região de Bissau; Júlio de Carvalho, do CSL e Comissário político das FARP; Juvêncio Gomes, do CSL e Presidente da Câmara Municipal de Bissau; Fernando Fortes, Comissário de Estado dos Correios e Telecomunicações, Mário Cabral, Comissário de Estado da Educação Nacional e Cultura; Cruz Pinto, Procurador-Geral da República; Filinto de Barros, secretário-geral da Presidência; Manuel Boal, secretário-geral do Co-

missariado de Estado da Saúde e Assuntos Sociais; Arafan Mané; chefe da Casa Militar da Presidência; e a camarada Ana Maria Cabral.

Entre os nossos convidados estrangeiros, estavam presentes o adido cultural da Embaixada de Cuba, o correspondente da Tass, Lars Rudebeck, professor universitário sueco, e Birgia Eklof, responsável pelos Assuntos Pedagógicos do Ministério da Educação da Suécia.

VISITA ÀS INSTALAÇÕES

Não estava previsto no programa, mas foi assim que a festa começou: com uma visita às instalações. O camarada Luiz Cabral percorreu demoradamente todos os serviços dos vários departamentos do Comissariado de Informação e Turismo, dando especial atenção àqueles que de algum modo estão relacionados com a feitura do «Nô Pintcha».

Assim, o camarada Presidente tomou contacto directo com a Redacção do jornal; inteirou-se dos enormes problemas da tipografia, onde lhe foi explicado o modo de funcionamento das máquinas; visitou o laboratório fotográfico; verificou o modo como está organizado o sistema de distribuição.

A agência noticiosa, o departamento de Cinema, e o departamento de Turismo foram outros pontos a que o camarada

(Continua nas páginas centrais)

CABO VERDE

Publicamos na nossa edição de hoje a segunda parte da entrevista concedida ao nosso jornal pelo camarada Pedro Pires, membro do Comité Executivo da Luta do Partido e Primeiro-Ministro da República irmã de Cabo Verde. Problemas como a fome e o desemprego nas ilhas são abordados pelo dirigente caboverdiano. (Ver página 3).

ANGOLA

O Presidente Agostinho Neto, visita a província de Uíge, que durante alguns meses esteve nas mãos dos fantoches da UPA-FNLA. Esta viagem do leader do MPLA e da República Popular de Angola integra-se no esforço que o povo angolano desenvolve agora, depois de conquistada a paz, para reconstruir o país e a economia nacional. Entretanto, o Primeiro-Ministro da R.P.A., Lopo do Nascimento, terminou uma visita à Argélia, onde teve conversações com o Presidente Boumediène e anunciou que Angola pretende aderir à O.P.E.P., a organização dos países exportadores de petróleo. (Ver páginas 7 e 8).

ZIMBABWÉ

Depois de, em Lusaka, os Chefes de Estado de Moçambique, Tanzânia, Zâmbia e Botswana, terem coordenado os seus esforços para auxiliar os patriotas que combatem, com o povo do Zimbábwe, o regime racista e ilegal de Ian Smith, o dirigente zambiano, Kenneth Kaúnda pediu ao Governo britânico que ordene a prisão de Smith e dos seus capangas, a fim de evitar derramamento inútil de sangue. Kaúnda disse que uma intervenção militar britânica na Rodésia do Sul seria desejável. (Ver página 8).

DESPORTO

Prosseguiu em Bissau e em outros centros urbanos do país, neste fim de semana, o Campeonato Nacional de Futebol. Derrotando o Cantchungo por 3 a 2, e Bissorã por 8 a 0, o Sporting e a UDIB continuam no topo da classificação geral. (Ver página 8).

CIMEIRA DA O.U.A. EM 1977 NO GABÃO

YAOUNDE (TASS) — Segundo informações datadas de Libreville, Albert Bernard Bongo, Presidente da República do Gabão, recebeu Kamanda Wa Kamanda, secretário-geral adjunto da Organização da Unidade Africana (O.U.A.), encarregado dos assuntos administrativos e financeiros, que efectua uma visita a Libreville. Os interlocutores discutiram os preparativos para a assembleia dos chefes de estado e de governo dos países membros da OUA, que se realizará em Libreville, em 1977.

DE 6 A 9 DE ABRIL

CAMARADA PRESIDENTE VISITARÁ A ROMÉNIA

O Presidente Luiz Cabral, Secretário-Geral-Adjunto do P.A.I.G.C. e Presidente do Conselho de Estado da República da Guiné-Bissau, efectua uma visita oficial à Roménia, de 6 a 9 de Abril próximo.

Da delegação que acompanhará o Presidente Luiz Cabral fazem parte os camaradas José Araújo, do C.E.L. do Partido e Comissário de Estado Sem Pasta, Victor Saúde Maria, também do C.E.L. e Comissário dos Negócios Estrangeiros, Lorena Santos, director dos Serviços de Geologia e Minas, e Luiz Cândido, director de Estatística e Economia Agrícola.

O nosso Partido no Congresso do P.C. búlgaro

Seguiram para Sófia, capital búlgara, a fim de representar o PAIGC no Congresso do Partido Comunista da Bulgária, que abriu ontem e prolonga-se até o próximo dia 4 de Abril, os camaradas Domingos Brito, membro do CSL e secretário-geral do Comissariado de Educação da Guiné-Bissau, e Basílio Ramos, responsável político da ilha do Sal, em Cabo Verde.

Na Bulgária, país a que o nosso Partido está ligado por laços de amizade e cooperação desde os tempos da luta armada de libertação nacional, o camarada Domingos Brito reunir-se-á com os estudantes da nossa terra que ali estudam como bolsiros.

Felicitações ao "Nô Pintcha"!

Várias mensagens de felicitações pelo primeiro aniversário do «Nô Pintcha» têm chegado à Redacção do nosso jornal. Agradecendo a todos quantos, deste modo, nos têm estimulado a prosseguir o nosso trabalho, destacamos, na correspondência recebida, as mensagens que nos foram dirigidas pelos encarregados dos Negócios da URSS e da Grã-Bretanha, respectivamente camaradas Dmitry Diakonov e Moukarim, e pelo camarada Guerman Alexeev, correspondente da TASS na República da Guiné-Bissau e na República de Cabo Verde.

DAS FELICITAÇÕES ÀS SUGESTÕES

O nosso colaborador da primeira hora Gomes Baldé não quis deixar passar a data do nosso primeiro aniversário em branco.

A sua carta, além de felicitações para todos quantos trabalham neste jornal, contém algumas críticas e sugestões para melhorarmos o nosso trabalho, que passamos a transcrever:

«Fazer jornalismo é das mais nobres artes, mas, para tal, é preciso ter aquele mínimo de vocação e conhecimentos», considera o nosso

leitor, salientando que «só assim é possível levar o bom êxito às colunas de um jornal».

«Um jornal não vive apenas da informação, embora esta seja a base capital. Vive, também da opinião. E o «Nô Pintcha», embora com algumas deficiências tem tentado, e por vezes com alguma oportunidade, aliar estes dois conceitos jornalísticos.

(...) «Também seria agradável ver uma estruturação adequada, para transformar o trisemanário em diário. Estou certo que essa estruturação devia ser valorizada, tendo em vista uma maior informação, quer nacional quer internacional, bem como uma mais elevada capacidade de opinião, onde se notassem mesmo algumas crónicas de carácter político e da vida internacional».

Convenção de Lomé vai entrar em vigor

Entra em vigor no dia 1 de Abril a Convenção de Lomé, concluída entre os nove países do Mercado Comum e 46 estados de África, das Caraíbas e do Pacífico (A.C.P.). A Guiné-Bissau aderiu a esta Convenção.

O prazo decorrido desde 28 de Fevereiro de 1975, data da reunião da Convenção na capital do Togo, foi necessário para completar as longas «demarques» de ratificação. Mas estavam

já em vigor desde 1 de Julho, as disposições comerciais do acordo.

A Convenção de Lomé mantém uma cooperação entre a CEE e os países em vias de desenvolvimento, dos quais a maior parte pertenceram tanto à «Commonwealth» britânica, como à antiga associação Euro-Africana, regida pela Convenção de Yaounde. Esta cooperação é baseada em três elementos:

Comércio: A CEE isenta de direitos aduaneiros, de restrições quantitativas a quase totalidade dos produtos que importa dos ACP. Quando estas mercadorias sofrem uma queda das receitas que tiram da exportação de certos produtos de base, a Comunidade Europeia dá-lhes uma ajuda de «estabilização».

Este sistema aplica-se a doze produtos (amendoim, cacau, café, algodão, côco, palmeira, palmito, couro e peles, produtos de madeira, bananas, chá, sisal bruto, minério de ferro). A ajuda, limitada em 84 milhões de dólares por ano, é entregue quando as receitas dos países exportadores baixam de 7,5 por cento em relação à média dos quatro anos precedentes (2,5 por cento no caso dos países mais pobres. As madeiras tropicais e os couros e peles, cujas vendas sofreram em 1975 o efeito da recessão mundial, serão os primeiros produtos a provocar o

(Continua na página 6)

Artistas soviéticos

O grupo teatral soviético de variedades, que se encontra no nosso país há já quase uma semana, vai dar hoje o seu último espectáculo, às 21 horas, no Estádio «Lino Correia», em Bissau, pelo que se convida o público de Bissau a assistir.

Embaixada dos E.U.A.

Chegaram a Bissau, para tratar de assuntos relacionados com a instalação da embaixada dos Estados Unidos no nosso país, os senhores Alan McKee e Michael Milligan, ambos segundos secretários daquela representação diplomática.

RESPONDE O POVO

COMO COMBATER O ALCOOLISMO?

De entre os vícios fomentados pelo colonialismo na nossa terra, um dos que mais contribuiu para manter as populações na miséria e na ignorância, facilitando a sua subjugação, foi o alcoolismo.

O regime colonialista foi expulso do nosso país, mas infelizmente, algumas das suas heranças persistem. Uma delas é precisamente o alcoolismo, que destrói a saúde moral e física de largos extractos da população.

Hoje, que nos empenhamos na construção de uma sociedade nova, urge extirpar dos hábitos da nossa gente os velhos vícios. Porque um homem escravo dos seus vícios não é livre. E foi pela liberdade que Amílcar Cabral morreu.

Como combater o alcoolismo?

MARCELINO LIMA
(Director do Turismo)

«Acho oportuna uma campanha de esclarecimento sobre o alcoolismo, a levar a efeito pelo Comissariado de Saúde, em colaboração com organismos do Partido, a nível de bairros e de empresas e de colaboração com a POP (Polícia de Ordem Pública), no sentido de haver agentes destacados nos locais de venda do álcool, a fim de interditar o seu consumo aos menores e tomar medidas eficientes com vista a evitar a apresentação de indivíduos em estado de embriaguez, e a consequente desor-

dem por eles provocada. Neste momento, é totalmente impossível ao nosso Estado levar a efeito um rigoroso controle da venda de bebidas alcoólicas, pois isso exige uma série de medidas que de certa forma viriam afectar os outros serviços. No entanto, é possível limitar o horário do consumo de bebidas alcoólicas nos lugares públicos, independentemente da hora do fecho, e levando em conta os dias de trabalho.

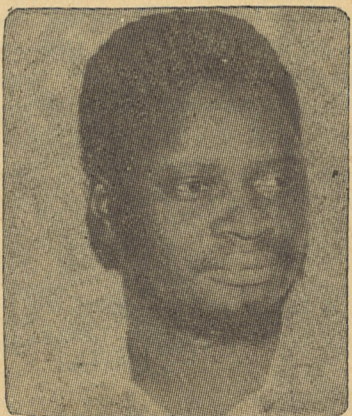
«Por exemplo, nos dias de semana, fechando os lugares públicos às 23 horas, deve ser interrompida a venda de bebidas alcoólicas a partir das 22 horas, tendo em conta que o indivíduo no dia seguinte tem as suas obrigações a cumprir e que o álcool tem uma acção psicológica no seu organismo. Nos fins de semana, por exemplo, a venda do álcool deve ser paralisada a partir das 24 horas, atendendo a que o dia seguinte é feriado e portanto o indivíduo tem todo o seu dia livre. Esta acção deve ser levada a cabo não só pelos órgãos acima referidos, mas também pela Informação, que pode dar uma valiosa contribuição neste sentido, mentalizando as nossas populações e fazendo-lhes ver os inconvenientes resultantes do excesso do álcool».

IDÁLIA LOPES
(Doméstica)

«Considero o alcoolismo o

pior vício que pode existir numa sociedade, porque não contribui para o bem-estar e o desenvolvimento de um povo. Pelo contrário, apenas serve para deturpar a mente das nossas gentes e dar cabo da saúde das pessoas que fazem do álcool o «pão nosso de cada dia».

«Neste momento em que a nossa terra precisa dos braços de todos os seus filhos, acho que a melhor maneira de combater o alcoolismo na nossa terra é paralisar a importação das bebidas alcoólicas até que as pessoas compreendam que elas não contribuem em nada para o melhoramento da nossa vida social e que um alcoólico não pode de maneira nenhuma dar a sua total contribuição para o progresso da nossa terra e para a formação da nova sociedade e do homem novo que todos nós sonhamos e porque muitos deram a sua vida».



NO PINTCHA

Orgão do Comissariado de Estado de Informação e Turismo
Trisemanário Nacional de Informação

Sai às Terças, Quintas e Sábados

Preço: 2\$50

Redacção, Administração e Oficinas: Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3713/3728

Administração

e Publicidade: 3726

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

1 ano 400\$00

6 meses 250\$00

Outros Países Africanos

e Portugal

1 ano 500\$00

6 meses 360\$00

Serviços de Distribuição

e Vendas do «NÔ PINTCHA»

— Caixa Postal, 154

BISSAU — GUINÉ-BISSAU

FARMÁCIAS

HOJE — «HIGIENE» Rua António-nio N.Bana, telefone 2520.

AMANHÃ — «MODERNA» Rua 12 de Setembro, telefone 2702.

TELEFONES

Hospital Simão Mendes:

Banco — 2366/2367

Bombeiros — 2222

Polícia:

1.ª Esquadra — 3333

2.ª Esquadra — 3444

Correios:

Informações — 2600

Rádiodifusão Nacional — 2498

Aeroporto — 3001/4 (TAG-B)

TAP — 3991/3

Serviços Municipalizados:

Água e Electricidade — 2411

(das 7 às 17 horas)

Assistência à rede eléctrica - 2414

(das 16 às 24 horas)

Chegadas e partidas de navios — 2922/5

RÁDIO

EMISSIONES:

Das 6 às 8; das 12 às 15 e das 17 às 24 horas.

NOTICIÁRIOS:

As 7, 13, 15, 17, 20 e 21 horas.

AGENDA DO DIA:

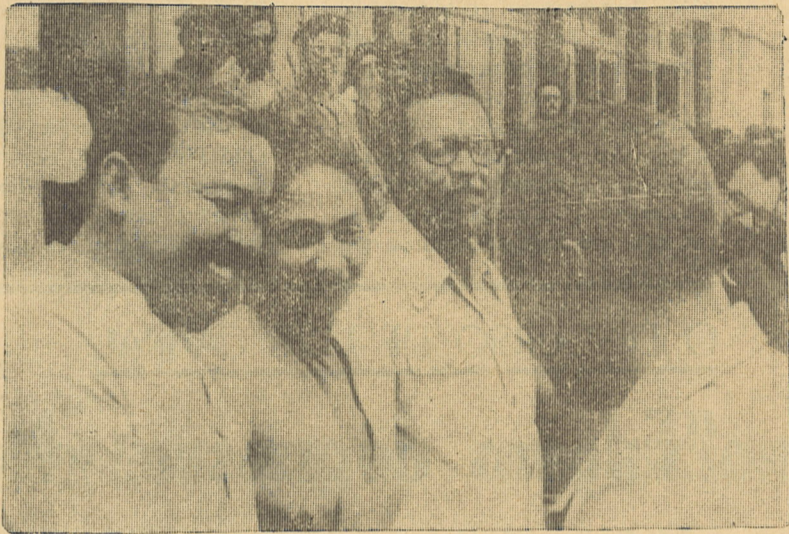
As 18,45 horas.

CINEMA

HOJE — As 18,30 horas «SEIS PISTOLEIROS PARA UM MASSACRE» m/18 anos.

AMANHÃ — As 20,45 horas «MASCULINO E FEMININO» m/18 anos.

A chuva ajudou-nos a resolver pelo menos 50 por cento dos problemas no domínio do trabalho



A consequência das chuvas no aumento da produção agrícola e no regresso ao campo de grande parte da população, os problemas sociais que o desemprego em larga escala levanta em S. Vicente, e a forma como as verbas destinadas ao «apoio», e concedidas pelo Governo português, foram reconvertidas em trabalho produtivo, são abordadas para os leitores de «NÔ PINTCHA» na entrevista que o camarada Pedro Pires nos concedeu, e cuja segunda parte hoje se publica.

O camarada Primeiro-Ministro do Governo da República de Cabo Verde já nos falara anteriormente da situação geral política, económica e social, nomeadamente: participação popular e militantes nas tarefas gerais do jovem país, principais questões económicas, como as prioridades e a estratégia do desenvolvimento, e as transformações sociais que a independência está a provocar. Hoje analisa especificamente algumas das grandes questões da vida caboverdiana.

Começou por nos falar das chuvas que, contrariamente ao que julgávamos, não foram tão abundantes como as necessidades, ao fim de sete anos de seca, deixavam a desejar.

«NÃO CHOVEU O QUE ESPERÁVAMOS»

«Não choveu a quantidade que esperávamos. Quer dizer que podemos considerar a nossa produção agrícola nas ilhas do sul de Cabo Verde que é Sotavento: Santiago, Fogo, Maio e Brava, como a sua produção quase normal. Podemos considerar a produção nas outras ilhas em especial como Santo Antão bastante má. Quer dizer que não houve a produção que podia libertar-nos de um certo tipo de problemas. A nível de São Tiago, Fogo e outras ilhas podemos dizer que temos muitos problemas resolvidos, porque a produção agrícola foi razoável. Mas mesmo assim a produção podia ser me-

lhor se não tivesse aparecido algumas pragas no mês de Outubro que tiveram um efeito bastante mau sobre certas plantas. Ao mesmo tempo, a chuva serviu-nos para fazer todo um trabalho político, para que a nossa população volte para o campo e se preocupe mais com a produção. No ano anterior houve também alguma chuva mas não houve aquela preocupação para produzir, e não houve aquela preocupação do Governo para virar a nossa população para a produção. Estas chuvas permitiram libertar-nos de alguns aspectos económicos, mas ao mesmo tempo, permitiram fazer algum trabalho político. Isso é bastante importante porque conseguimos, de facto, fazer com que a nossa população cultive grande parte do terreno disponível. Mas existe mais outro aspecto o de que a chuva aumenta as áreas irrigadas, portanto aumenta a produção, e garante-nos a alimentação e produtos de mercado, produtos de regadio. A chuva deste ano levou-nos a resolver pelo menos cinquenta por cento dos nossos problemas no domínio do trabalho. Perto de um terço da nossa população vive nas ilhas onde este ano agrícola não foi bom, como Santo Antão e São Nicolau sem contar com S. Vicente e Sal onde não existe agricultura. Quer dizer: verificámos que embora este ano tenha o seu valor, ainda ficaram para resolver os problemas ao nível destas ilhas. Devemos dizer que neste momento temos todos os nossos esforços virados para Santo Antão no sentido de evitar qualquer problema no domínio de abastecimento da população e no domínio também de encontrar trabalho produtivo para esta população que é uma população rural e que não teve produção. Neste aspecto temos estado a fazer um esforço grande através de reuniões com camaradas responsáveis administrativos de Santo Antão, reuniões com camaradas de diferentes ra-

mos técnicos para evitarmos, a todo o custo, cair na situação anterior, quer dizer praticar o mesmo tipo de trabalho praticado pelo regime colonial na nossa terra. Temos que lutar contra a tendência para encontrar soluções fáceis. Temos que fazer todo um trabalho seja no domínio da organização social, seja no domínio das obras públicas, seja no domínio da administração. Verifica-se que a situação nessas ilhas não é assim tão má mas também não é muito boa. Quer dizer que temos, de facto, dificuldades mas que estamos a lutar com as dificuldades, fazendo esforço para encontrar a melhor solução para elas.

«SE CAISSEMOS NO CICLO DO APOIO ISSO LEVAR-NOS-IA DE DESASTRE EM DESASTRE»

A segunda grande questão que o camarada Pedro Pires tratou demoradamente, nesta entrevista, foi a da reconversão das verbas de apoio para actividades produtivas. A partir da campanha internacional, desenvolvida pelo PAIGC, contra o abandono a que os colonialistas votaram o arquipélago, e que conduziu a situações de fome para milhares de caboverdianos, a administração colonial passou a «apoiar» o arquipélago com certas verbas que criavam a aparência de emprego fixo. Na verdade, tratava-se de situações de sub-emprego e que, ainda por cima, provocavam o desvio da população das suas actividades produtivas tradicionais.

Esta é uma situação que está em vias de se resolver, como afirma o camarada Primeiro-Ministro.

«O apoio acabou no mês de Outubro passado. O apoio era uma coisa bastante perigosa. Se fossemos cair no ciclo do apoio, isso levar-nos-ia de desastre em desastre.

No momento em que verificámos que não era possível continuar com isso, preparámos as condições para o acabar desde o mês de Junho-Julho em que fizemos todo um trabalho de mobilização da nossa população para o trabalho agrícola. Procurávamos conseguir uma produção razoável para liquidarmos, de uma vez para sempre, aquela necessidade de apoiar a população. Mas só nos foi possível acabar com o apoio no mês de Outubro. Portanto, no fim de Outubro podemos considerar como terminado o apoio».

«Devemos dividir as nossas ilhas em duas categorias: umas

(Continua na página 6)



Amílcar Cabral

Melhorar o trabalho político no seio do nosso Povo

«Devem ser aqueles que mais querem o Partido, que mais amor têm pelo nosso povo e que estão mais decididos a aplicar na prática as palavras de ordem do Partido. Têm que ser pessoas capazes de gritar bem alto, o nome do Partido, da Direcção do Partido, devem ter confiança na Direcção do Partido, camaradas. Têm que ser pessoas que, para corresponderem ao seu desejo consciente de morrer pelo nosso Partido, têm que trabalhar cada dia, de manhã à noite, para o nosso Partido, que é bem mais fácil do que morrer, dar a sua vida. Têm que ser pessoas que devem estar vigilantes, sejam ou não dos Serviços de Segurança, vigilantes diante de toda a tentativa de estragar o nosso Partido, de traír o nosso Partido. Têm que ser pessoas capazes de ser amigas só das pessoas amigas do nosso Partido, inimigos fortes, de todos os inimigos do nosso Partido. Têm de ser pessoas capazes de não aceitar nenhum acto contra os interesses do nosso Partido, e que, quando tiverem que falar diante do nosso povo, diante dos dirigentes, em qualquer meio, sobre problemas do nosso Partido, eles são aqueles que devem gritar mais, que levantam mais alto a bandeira do nosso Partido. Não podemos dizer, até hoje, que têm estado nos nossos Comités só os melhores militantes do Partido. Alguns não são nada os melhores, outros até têm medo de falar no Partido a sério. De ora em diante, vocês todos têm que trabalhar para pormos à frente dos nossos Comités do Partido, gente que é de facto Partido e que em abrindo-lhes o coração só encontramos a bandeira do Partido, abrindo-lhes a cabeça, só encontramos ideias do Partido, se lhes dermos a palavra, gritam alto, bem alto, o nome do Partido, para levantarem toda a gente para lutar pelo nosso Partido. E de noite ou de dia, a qualquer hora que for necessário trabalhar eles estão pegados teso no trabalho do nosso Partido. Esta camaradas, é a primeira condição para melhorarmos o nosso trabalho político, melhorar o trabalho da nossa gente, melhorar a nossa gente que está ligada ao trabalho directo, exclusivo do Partido, no nosso ponto de vista civil e político».

«Temos que melhorar o trabalho no seio do nosso povo, temos que fazer reuniões com o nosso povo, o máximo que podemos, camaradas. Os Comissários políticos de zona, têm que estar em contacto permanente com as tabancas, camaradas, dentro da sua zona, em permanente contacto, reunidos com a sua gente, reunindo-se sempre com ela, com os Comités do Partido, fazendo reuniões de tabanca, discutindo os problemas das pessoas, procurando saber o que há, para resolverem os problemas, ajudar a resolvê-los. A Segurança deve estar com eles, fazendo também esse trabalho. A Saúde, a Instrução, fiscalizando e ajudando a resolver os problemas. Tem que ser assim, camaradas, temos que estar permanentemente mobilizando, organizando o nosso povo, ajudando os nossos Comités de tabanca a fazerem as suas reuniões para discutirem os seus problemas, ajudando a nossa gente a mandar em si próprio, a resolver os seus próprios problemas. Só assim é que podemos de facto corresponder às experiências da nossa luta hoje. Esse trabalho tem que ser feito na vigilância, em relação a todos os actos do inimigo, quer infiltração do inimigo no nosso seio, — aí está a segurança para ver isso — a propaganda do inimigo na sua Rádio, ou de qualquer outra maneira, temos que o neutralizar imediatamente. Temos que esclarecer as nossas massas, a nossa população sobre os problemas, os enganos que os tugs querem meter-lhes na cabeça».

CAMARADA PRESIDENTE NO ANIVERSÁRIO DO NOSSO JORNAL

“O «Nô Pintcha» tem de ser uma arma contra os inimigos da l

(Continuação da 1.ª página)

Luiz Cabral prestou grande atenção, inteirando-se «in loco» das suas dificuldades, e ouvindo da boca dos responsáveis por cada um destes sectores os problemas e as perspectivas que se apresentavam ao seu trabalho.

INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO

Passava das 18 e 30 quando o camarada Presidente se dirigiu à sala do rés-do-chão do Comissariado, onde está patente ao público a exposição de fotografias e recortes de jornais, que dão uma ideia do nosso trabalho ao longo de um ano.

Apraz-nos registar a atenção que tanto o camarada Luiz Cabral como os restantes convidados prestaram a este trabalho, preparado em poucos dias pelos trabalhadores do «Nô Pintcha», mas que constitui um documento importante sobre a vida do mundo de Março de 1975 a Março

de 1976, captado segundo a perspectiva do nosso jornal.

Nesta exposição é dado especial destaque à parte fotográfica. Muitas das fotografias ali exibidas não puderam ser publicadas no «Nô Pintcha», quer por falta de espaço quer por razões técnicas, constituindo, por isso, documentos inéditos. É o que acontece com diversas imagens da visita do Presidente Luiz Cabral a Cabo Verde e com a estadia do Presidente Agostinho Neto na Guiné-Bissau.

Lembramos ao público em geral que esta exposição pode ser visitada durante toda esta semana, a partir das 18 horas.

UM BANQUETE COM DISCURSOS

«Para nós, trabalhadores do «Nô Pintcha», hoje é um dia grande, uma data que permanecerá gravada ao longo das nossas vidas». Com estas palavras, sintetizou o responsável do nosso jornal, camarada Lopes Pereira, os sentimentos da generalidade dos trabalhadores do «Nô Pintcha», por verem completado um ano de trabalho ao serviço da Informação escrita e da formação do cidadão da Guiné-Bissau.

Durante o seu discurso, o camarada Lopes Pereira referiu-se às inúmeras dificuldades que se nos depararam ao longo deste primeiro ano de vida do «Nô Pintcha», salientando que essas dificuldades se encontravam largamente compensadas neste momento.

Lembrou ainda que, para melhor podermos vencer as dificuldades a partir de agora, importa que todos os organismos do Partido e do Estado passem a colaborar mais estreitamente conosco. Ao fazê-lo, estarão a prestar-nos um valioso apoio e, ao mesmo tempo, a seguir o exemplo do camarada Presidente Luiz Cabral que, por mais do que uma vez, e sempre que é necessário, nos tem prestado instruções preciosas sobre a melhor maneira de desempenharmos a nossa missão.

O camarada Luiz Cabral respondeu ao camarada responsável do jornal manifestando a sua alegria por estar presente nesta «festa de responsabilidade» e tendo elogiado ao nosso trabalho, que calaram fundo no coração de todos os trabalhadores presentes.

Desde o trabalho de orienta-

ção do Comissário Manecas até à actividade do mais modesto operário do jornal, desde a colaboração dos camaradas portugueses até à aprendizagem dos nossos jovens jornalistas, o esforço de cada trabalhador do «Nô Pintcha» foi devidamente compreendido e apreciado pelo camarada Presidente, o que, para nós, constitui um motivo de estímulo e de orgulho.

«O «Nô Pintcha» tem de ser uma arma», disse a certa altura o camarada Luiz Cabral, salientando a enorme importância que

um trabalho de informação honesto e sério reveste, para a mentalização das populações.

Pela sua importância, transcrevemos, na íntegra, noutro local, os discursos proferidos, primeiro pelo camarada Lopes Pereira, e em seguida pelo camarada Luiz Cabral.

A intervenção do camarada Presidente terminou com um brinde pelo futuro sucesso do «Nô Pintcha». A esse brinde se associaram os trabalhadores do jornal e convivas.

Pouco depois, era oferecido ao

O DISCURSO DE LUIZ CABRAL

“Façam do nosso «Nô Pin

Pela sua importância, transcrevemos, o discurso proferido pelo camarada Presidente Luiz Cabral durante a festa do primeiro aniversário do nosso jornal, realizada no sábado. Queremos aqui deixar expresso que as palavras de encorajamento que nos foram dirigidas pelo camarada Luiz Cabral, em nome da Direcção do Partido e do Governo, nos sensibilizaram profundamente e constituem um forte estímulo para continuarmos a esforçar-nos por oferecer aos nossos leitores uma informação séria, que contribua para a sua sensibilização para os problemas nacionais e internacionais e para a sua formação como cidadãos livres de um país livre.

«Camaradas:

«Sinto uma imensa alegria por ter esta oportunidade de estar hoje aqui presente com os camaradas do jornal «Nô Pintcha» e os camaradas da Informação em geral, nos festejos do primeiro aniversário deste órgão de Informação. Hoje é um dia de festa, porque todos os camaradas trabalhadores da Informação e os camaradas do «Nô Pintcha» em particular, estão absolutamente conscientes que durante o primeiro ano da existência deste jornal procuraram cumprir o melhor possível a missão importante de que o nosso Partido e Estado os incumbiu. Cada um procurou fazer o máximo que pôde, para assim tornar efectiva a decisão que tínhamos tomado, de criarmos o nosso jornal. É um dia de festa para os camaradas da Informação, para todos nós, combatentes e militantes e para o nosso povo em geral.

«Quando tomámos a decisão de criar o nosso jornal «Nô Pintcha», como aliás todas as outras coisas, não bastou fazer uma lei, reunir um grupo de camaradas e escolher um camarada para a direcção. Isso não chega para que um decisão possa de facto vir a ser uma coisa válida, capaz de contribuir para o progresso e para formação do nosso povo. Depende essencialmente de homens que estão à frente. É do

nosso conhecimento o esforço que o camarada Manecas, Comissário de Informação, tem feito, desde o primeiro dia em que assumiu esta responsabilidade, no sentido de criar um órgão nacional de Informação escrita. Assim, também é do nosso conhecimento o esforço que têm empreendido os camaradas, que o camarada Manecas escolheu para trabalharem ali, em particular o camarada Lopes Pereira e outros camaradas. Eles têm feito tudo quanto podem para levarem para a frente a missão difícil que lhes atribuímos com a criação do nosso jornal.

«Queremos felicitar todos os camaradas por este trabalho sério que têm desenvolvido sem olharem para o tempo. Muitas vezes, só às oito horas da manhã é que saíam do trabalho, para que não falte o jornal. Para todos estes camaradas, vão as nossas felicitações calorosas, pelo seu grande esforço no domínio da Informação, mantendo o nosso jornal a um nível bastante aceitável neste seu primeiro ano de vida.

O «NÔ PINTCHA» NA FORMAÇÃO DO HOMEM NOVO

«Também quero aqui manifestar a nossa satisfação pelo trabalho desenvolvido por uma equipa de camaradas jornalistas portugueses, que vieram não como cooperantes mas como voluntários, como militantes da luta revolucionária em geral, para darem a contribuição, que é absolutamente indispensável neste primeiro ano da existência do nosso jornal, para que ele pudesse ter aquele valor, para que pudesse ser aquele «Nô Pintcha» que é hoje.

«O seu trabalho foi muito importante para nós. Primeiro porque, durante estes primeiros tempos, se portaram como qualquer militante do nosso Partido, como camaradas nossos companheiros, sem exigir nada, absolutamente, dando toda a dedicação, todo o trabalho desinteres-

CONTAMOS COM O APOIO DOS DIRIGENTES DO PARTIDO



Eis, na íntegra, o texto do discurso proferido pelo responsável do «Nô Pintcha», camarada Lopes Pereira, durante a festa de aniversário do nosso jornal:

Camarada Presidente, Camaradas dirigentes do Partido e membros do Governo, Camaradas e amigos:

«Para nós, trabalhadores do «Nô Pintcha», hoje é um dia grande, uma data que permanecerá ao longo das nossas vidas. Antes do mais, porque assinalamos o primeiro aniversário do início da publicação do jornal e, em segundo lugar, porque temos a honra e o enorme contentamento de ter na nossa casa o camarada Presidente, os camaradas dirigentes do Partido e do Estado e os nossos amigos de outros departamentos e convidados.

«Os esforços, as longas noites perdidas, as preocupações, enfim, todas as cansaças que tivemos ao longo deste ano, são largamente

a importância, no quadro da nossa luta, que tem a Informação, em geral, e o «Nô Pintcha», em particular. Mas eu gostaria de aproveitar esta ocasião para pedir aos dirigentes do Partido, das nossas gloriosas FARP, aos membros do Governo, aos responsáveis das organizações do Partido e dos serviços do Estado, que colaborem mais com a Informação da nossa terra. É que só assim poderemos fazer um jornal ou uma rádio verdadeiramente ao serviço do povo.

«Se há ainda falhas na colaboração entre os diversos organismos do Partido e do Estado e a Informação, nós queremos afirmar, no entanto, que temos contado sempre com todo o apoio dos dirigentes do Partido e do Governo e, em especial, do camarada Presidente que, por diversas vezes, nos deu directamente ou transmitiu instruções sobre a forma mais correcta de darmos esta ou aquela informação. Gostaríamos de ver este espírito, este apoio, alargado a todos os responsáveis do nosso país, gostaríamos por exemplo, de ver os comissariados colectivamente ou nossos dirigentes, escreverem artigos e programas para o jornal ou a rádio.

Antes de pedir ao camarada Presidente que nos dirija palavras, de crítica ao nosso trabalho, de orientação da nossa actividade futura, eu queria saudar os meus companheiros de trabalho que tornaram possível termos publicado hoje o centésimo-quinquagésimo quinto número: o Comissário, em quem temos mais do que o responsável pela Informação da nossa terra, o camarada, e amigo, o jornalista número um do «Nô Pintcha»; os jornalistas e tipógrafo portugueses, exemplos de dedicação, com quem nos orgulhamos de trabalhar; os tipógrafos, que apesar das condições difíceis, têm sabido cumprir o seu dever; os nossos jovens jornalistas, todos eles estudando para melhorar os seus

(Continua na pág. 6)

Independência Nacional

camarada Presidente uma coleção do nosso jornal, desde o número 1 até ao 152, encardernada.

Um banquete a que não faltou o tradicional bolo de aniversário, com uma vela simbolizando a idade deste jovem órgão de Informação, prolongou a festa pela noite.

40 MINUTOS DE EMISSÃO PARA O «NÔ PINTCHA»

A Radiodifusão Nacional deu largo destaque à passagem do

primeiro aniversário do nosso jornal, ocorrido dia 27.

Assim, durante a sua programação de sábado, a nossa estação radiofónica consagrou quarenta minutos de emissão ao «Nô Pintcha», nos quais foram transmitidas duas entrevistas uma com o Comissário de Estado de Informação e Turismo, camarada Manecas, e outra com o responsável do jornal, camarada Lopes Pereira, que falaram dos problemas e perspectivas que se apresentam ao nosso jovem órgão de Informação.



O camarada Luiz Cabral, ladeado pelos camaradas Manecas e Lopes Pereira.

«Nô Pintcha» um órgão revolucionário do P.A.I.G.C. na defesa do Povo

sado como qualquer outro filho da nossa terra. Portanto, o seu trabalho aqui é de valor inestimável, tanto mais que a sua presença no nosso país também como técnicos, com a sua experiência, é já um facto de valor para a formação daqueles novos elementos jornalistas da nossa terra, em quem depositamos uma grande esperança para o futuro do nosso jornal «Nô Pintcha».

«O camarada «Manecas» compreendeu muito bem, na sua interpretação, do papel actual do jornal na nossa terra, que não deve ser apenas um meio de informação, mas, sobretudo, um meio de formação. Este o objectivo que o «Nô Pintcha» tem procurado atingir neste primeiro ano e que, por conseguinte, deve ser uma das principais tarefas de todos os órgãos da nossa Informação.

«Eu lembro-me daquela altura em que fui obrigado a fugir das garras da PIDE em Bissau, para o Senegal. De lá escrevi ao camarada Amílcar Cabral, em Co-

bras de ordem do nosso Partido.

«Esta é uma mensagem do camarada Cabral que, sempre presente na nossa vida, particularmente nesta fase que vivemos aqui na Guiné-Bissau, se reveste hoje numa das nossas principais tarefas: formar e libertar das cabeças das pessoas, aquela mentalidade corrupta que o colonialismo nos deixou, nos últimos anos em que se manteve na nossa terra. Sabemos que durante os anos da guerra, os colonialistas portugueses, particularmente na sua fase de agonia no nosso país, criaram aqui uma vida de vícios, de corrupção e de irresponsabilidade, que marcou profundamente a juventude que viveu onze anos sob aquela influência criada pelos últimos governadores da Guiné «Portuguesa», na sua política demagógica destinada a rebanhar com toda a nossa dignidade e respeito, como homens de responsabilidade.

«Neste momento, esta é uma das tarefas fundamentais a executar: formar de facto e libertar

poder criar aquele homem novo que é indispensável para o avanço da revolução.

COMBATER OS VÍCIOS

«Apesar de já existirem algumas melhorias em Bissau e noutros pontos, ainda vemos a grande influência do alcoolismo. As bebidas dominam muita gente na nossa terra. Vêem-se jovens de 13, 14 anos, a tomar uísque nos bares; meninos que ainda jogam à bola nas ruas, e à tarde se preocupam em ir procurar bebida. Se vamos para as estradas de Prábis, de Cubucaré, no Sul, vemos dezenas de homens embriagados com aguardente de cana, cambaleando pelas estradas fora. Assim rebentam a sua saúde e vida, com aquele pouco dinheiro que ganham no seu trabalho, para irem esbanjá-lo na «cana».

«Para os jovens, que representam o futuro da nossa terra, garantindo o futuro da nossa revolução, mas que vemos grandemente influenciados pelas bebidas, achamos nosso dever fazer uma grande campanha contra isto, uma campanha a sério, mostrando-lhes que, de facto, a bebida pode ser uma coisa boa na vida de um indivíduo, se for tomada dentro dos seus limites normais, de forma a permitir manter toda a sua lucidez como homem revolucionário. A bebida não deve ser um factor de destruição do nosso povo, das forças válidas para a construção do nosso país, que estão a ser dominadas pelo álcool. Não deve ser um objectivo na nossa vida, em que um homem sai do trabalho e se preocupa imediatamente em procurar bebidas. Temos que poder orientar a nossa terra numa vida de trabalho são, numa vida em que o homem possa beneficiar de tudo o que é belo no mundo, e não numa vida de vícios e de imoralidades, que praticamente lhe limita aquelas possibilidades que hoje possui, de uma vida maravilhosa, depois da libertação total do nosso país.

«Devemos orientar a nossa so-

cidade para uma vida de responsabilidade, em que cada homem se preocupe em viver de acordo com aquilo que ganha, sem deixar atrás de si dívidas por todos os lados, por comprar coisas superiores ao seu vencimento.

«A Imprensa tem que combater activamente este hábito. Lembro-me daqueles tempos em que trabalhava na «Casa Gouveia», onde os empregados chegavam ao fim de cada mês sem um «escudo» para receber. Faziam vales superiores ao seu salário, numa vida destruidora deles próprios e das famílias. Temos que combater tudo isso. Que cada um organize a sua vida dentro do limite dos bens que possui. Ninguém nos convence que os vales podem melhorar a situação das nossas vidas. É uma ideia falsa. É certo que, com vales, um indivíduo pode gastar mais que aquilo que ganha, mas ao fim e ao cabo, a partir do segundo mês, começa a ter uma vida desorganizada com os seus familiares.

«Portanto, esta é mais uma missão do nosso jornal, rádio e Imprensa em geral, com vista a podermos «pintchar» no sentido da responsabilidade e da seriedade, como homens dignos nestes jovens países da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, pátria de CABRAL, dirigidos pelo PAIGC.

«Este trabalho da Informação é a maneira de chegar ao nosso povo, a maneira de fazê-lo assimilar todas as ideias que temos dentro das nossas cabeças; aquelas ideias maravilhosas de que sempre falava o camarada Cabral, não só a respeito dos povos da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, mas da África em geral e mesmo do homem em geral, pois Cabral pôs a sua cabeça de revolucionário acima da condição do povo guineo-caboverdiano e da África, ao nível de servir a Humanidade, de servir o homem em qualquer parte do mundo onde se encontre.

«Esta é uma das missões mais nobres que se põem aos camaradas da Informação. Uma missão que o «Nô Pintcha» tem pro-

curado cumprir com toda a seriedade e que continuará a procurar desenvolver, a fim de poder dar um impulso grande e necessário no sentido de transformar aquela vida de irresponsabilidade que herdámos do colonialismo português numa vida de responsabilidade, para a construção da nossa terra, hoje completamente livre.

O JORNAL COMO ARMA

«Na questão da sensibilização das pessoas, particularmente para os problemas internacionais, vemos que os camaradas do «Nô Pintcha» viveram intensamente a luta do povo angolano. Só assim foi possível aquela grande mobilização que o «Nô Pintcha» empreendeu durante meses, alertando as nossas populações do perigo que o povo angolano corria; da decisão que o MPLA tomou, em lutar contra todos os inimigos que aparecessem em Angola; da justeza da linha política do MPLA e das alianças do MPLA, pela defesa dos interesses do povo angolano, e do nosso povo também, dentro das lutas dos povos de Angola, Guiné e Moçambique.

«Foi um papel positivo o do nosso jornal, que conseguiu ser assimilado pelas nossas populações dos centros urbanos, sobretudo os jovens das nossas escolas secundárias, que manifestaram em massa o seu apoio à luta do povo angolano. Podemos dizer que o «Nô Pintcha» é uma arma nossa. Pois, nesta luta em que nos encontramos, é evidente que ainda precisamos de armas de fogo nas mãos, porque ainda temos inimigos.

«Se relermos o 2.º número do nosso jornal, do ano passado, recordamos a acção dos traidores que foi desmantelada, quando preparavam uma conspiração. Sabemos que houve milhares dos nossos irmãos africanos que serviram o exército colonial português e a famigerada PIDE/DGS, como lacaios, cães de dois pés. Mas sabemos também que muita dessa gente soube reconhecer os

(Continua na página 6)



nakry, a informá-lo da razão da minha fuga e, na primeira carta que me escreveu, falava-me da tarefa principal do nosso Partido nesse tempo, em 1960, que era formar um homem novo. Porque tudo o que fazíamos para a libertação das nossas terras da Guiné e Cabo Verde dependia da nossa capacidade de formar homens para a realização das pala-

as cabeças e os espíritos de toda a nossa gente, particularmente dos jovens, mas do nosso povo em geral, de todos aqueles males deixados na nossa terra.

«É este o trabalho grandioso que a nossa informação tem sob a sua responsabilidade. O «Nô Pintcha» tem que ser um inimigo intransigente de todo o tipo de vícios e de imoralidades, a fim de

"Façam do nosso "Nô Pintcha" um órgão revolucionário"

(Continuação das páginas centrais)

seus erros e arrepende-se, tomando hoje a decisão de ser um cidadão honesto da nossa terra. Atitude essa que aceitámos conscientemente, abrindo os nossos braços para todos eles, não obstante ainda existirem vários outros que continuam a pensar fazer-nos guerra e que estão nas fronteiras do Senegal, talvez à espera de apoio para o fazerem.

«Mas, como devem saber, o Governo senegalês tem tomado uma posição séria contra essas pessoas. Estamos convencidos que o Governo do Senegal compreenderá a sua responsabilidade perante o nosso povo, como povo africano, tomando decisões duras contra os inimigos do nosso povo que no fundo, é tam-

bém inimigo do povo senegalês, inimigo do processo e da consolidação da independência do povo irmão do Senegal.

«Para este efeito, o «Nô Pintcha» tem que ser uma arma, não de fogo, mas uma arma indispensável, mesmo nos momentos de guerra. E muito mais hoje, em que é preciso lutar intransigentemente contra os inimigos da nossa independência nacional, do nosso progresso, da paz e felicidade do nosso país.

«É com grande prazer que venho festejar com os camaradas este primeiro aniversário do jornal «Nô Pintcha». Esta festa é uma festa de responsabilidade, pois os camaradas têm procurado cumprir o seu dever, desde o director aos camaradas operários que aqui trabalham, até al-

tas horas da noite, ou mesmo até ao amanhecer, para que o jornal saia no prazo indicado.

«A todos estes camaradas, em nome da Direcção do nosso Partido, do Governo da nossa República, apresento as nossas

grandes felicitações e o nosso encorajamento para este novo ano que hoje começa. Com a experiência que já adquiriram no primeiro ano que findou, que façam, deste ano novo um ano de novas vitórias, novas realiza-

ções, para que o nosso «Nô Pintcha» seja de facto um órgão revolucionário do PAIGC, na defesa intransigente do nosso povo, da África e da humanidade progressista.

«Nô Pintcha, camaradas!».

CABO VERDE

PEDRO PIRES:

"Vai ser criado o fundo de desemprego que pode resolver certos problemas"

(Continuação da pág. 3)

onde teve um ano agrícola razoável, naquelas ilhas onde se produziu podemos verificar que a extinção do apoio não teve nenhum reflexo negativo, não provocou nenhum desemprego, porque toda a gente foi para a produção agrícola. Nas ilhas onde não houve produção, onde a produção foi mínima, imediatamente após a reunião dos responsáveis administrativos e técnicos de cada ilha, nós procurámos encontrar uma solução para o povo, quer dizer para que todos os serviços públicos fossem mais rentáveis e o mais produtivos possível. É neste aspecto que nós procurámos buscar algumas realizações úteis e de ordem prioritária. Foi dessa maneira que nós reconvertermos o apoio. Devemos dizer que essa reconversão do apoio não começou depois da independência mas muito antes da independência. Já no tempo do Governo de transição nós pensávamos na reconversão do apoio, quer dizer na realização de trabalhos úteis, trabalhos produtivos que pudessem servir para o nosso desenvolvimento. Quanto à verba de apoio, quer dizer aquela quantia de dinheiro que o Governo português tinha prometido dar para o apoio, temos estado em discussão com o Governo português. De facto o Governo português cumpriu, em parte, esse compromisso em relação ao nosso povo. E a nossa representação diplomática em Lisboa fez um esforço para que o Governo português cumprisse cabalmente aquele compromisso que tinha tomado. Verificámos que em Portugal, com esta mudança de Governos, as pessoas que tinham tomado esse compromisso perante nós, hoje já não governam em Portugal. Por isso é necessário fazer um esforço para que aqueles que governam agora tomem, por sua conta, este compromisso. Neste aspecto não podemos considerar os resultados obtidos como negativos, antes pelo contrário, considerámo-los bastante positivos».

«Estámos convencidos que através de todo este trabalho diplomático, através de todo o esforço que temos feito e que tem

tido correspondência de parte do Governo português, conseguiremos que o Governo português cumpra cabalmente o seu compromisso em relação a nós, no domínio de apoio».

«Para nós esse sistema de apoio já acabou, porque o apoio é um método, sobretudo uma maneira de criar irresponsabilidade, de fazer demagogia, é uma maneira de subdesenvolvimento e que qualquer pessoa que pensa em termos económicos não faz aquilo que fazia o apoio. Portanto, para nós, não é só um problema de reconversão total do sistema, mas sobretudo de reconversão de mentalidades também fazer com que as pessoas pensem que nós devemos investir em coisas produtivas ou necessárias para que possam vir a ter reflexos sob a nossa vida para a tornar melhor, para aumentar o nível de vida da população».

A BAIXA NO MOVIMENTO DO PORTO AUMENTOU O DESEMPREGO EM S. VICENTE

«Sendo bastante elevado o número de desempregados em S. Vicente, que medidas está o Governo a tomar para tentar resolver a situação que afecta uma grande parte da população da ilha?»

«Como já disse, S. Vicente é uma ilha sem agricultura, portanto sem retaguarda. Vivia do porto de Mindelo e o movimento de barcos tem diminuído constantemente. A vida de S. Vicente foi feita à volta do porto, que girava à volta do porto. Como S. Vicente era o maior porto de Cabo Verde, lá se situava a maioria das grandes casas comerciais. Verifica-se também que, neste domínio, o colonialismo português não realizou nada. Não existe nenhuma unidade industrial em S. Vicente. Nós sabemos que o comércio é uma coisa necessária, mas na reprodução praticamente não tem efeitos. Por isso é difícil uma terra viver simplesmente do comércio e nós temos que procurar outras fontes de riqueza. O problema é que até hoje não foi possível encontrar esses recursos e eles não

se encontram por milagres, por uma varinha de condão».

«As pessoas podem ser levadas a pensar que a independência acaba com todos os problemas. Não é assim. Na política, varinha de condão não há. É preciso realizar trabalho e numa terra onde não há meios financeiros é preciso fazer todo um trabalho de contactos para fazer com que as gentes nos descubram, saibam que existimos para poderem dar uma ajuda, para que possamos cooperar com eles. Durante algum tempo tivemos alguns planos para S. Vicente, mas que não se realizaram pois a conjuntura internacional não o permitiu».

«O problema é aproveitar os recursos locais: o que é possível fazer imediatamente e não o que é que está feito. Outra coisa que toda a gente deve compreender é que se torna difícil falar de desemprego. Sim, é verdade: existe desemprego. Mas qual é o país no mundo que, neste momento, tem emprego a cem por cento? Basta ver a taxa de desenvolvimento, hoje, nos países desenvolvidos. Têm uma taxa enorme de desemprego e nós sofremos reflexos dessa crise de desemprego que vai no mundo».

«É necessário ter em consideração: primeiro, milagre na política não é possível; segundo, é preciso ter a compreensão de que não há país nenhum hoje, em especial países capitalistas, em que nos incluímos, por mais que queiramos, onde exista 100 por cento de emprego. A questão põe-se em termos de garantirmos um número x de empregados e não de garantir emprego total, pois isso é impossível. Temos de criar condições para empregar um número X de gente e como toda a pessoa tem direito à vida desenvolvemos o trabalho social de modo a proporcionar uma certa assistência social aos desempregados. Garantimos uma certa percentagem de emprego, que pensamos aumentar por outro lado, resolvemos problemas económicos aos desempregados. Esta situação também foi provocada por uma certa demagogia existente, a dada altura, em S.

(Continua na página 3)

Contamos com o apoio

(Continuação das centrais)

conhecimentos; os trabalhadores da administração; os fotógrafos, os colegas da direcção geral, do cinema, da agência noticiosa e da rádio.

Reafirmando a nossa decisão de continuarmos a «pintchar» para diante, agradecemos uma vez mais a todos os camaradas a vossa presença, hoje, no nosso Comissariado.

Muito obrigado!»

Bula

Reunião de trabalho

A camarada Paulina Soares Cassamá, presidente do Comité de Estado do Sector de Bula, presidiu na passada quarta-feira a uma reunião de trabalho com os responsáveis de sector, na sede do Comité.

Debateu-se a necessidade de elevar o sentido de crítica e auto-crítica entre os responsáveis e de estreitar a colaboração, com vista a uma melhor organização dos serviços, no cumprimento dos princípios do Partido e vigilância contra os inimigos.

Pequenos Anúncios

VENDE-SE

«Carrinha Peugeot 404», em bom estado. Ver e tratar na Av. Domingos Ramos, n.º 36 ou com Fernando Cabral na casa Fernando Correia.

AGRADECIMENTO

Carlos Pereira de Menezes, Maria Paula Pereira de Menezes e Guilherme Cuíno, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas amigas e conhecidas, principalmente ao grupo «Abel Djassy» de Bula que assistiram ao funeral e à missa do 7.º dia de Quintina Ferreira, esposa, mãe e sogra.

Delegação da FAO visitou Farim

—No passado dia 26 esteve em Farim uma delegação da FAO composta por Berrier Martier e Laerke Gens e ainda pelo camarada Carlos Silva, do Comissariado da Agricultura e Pecuária.

Esta delegação foi recebida pelos camaradas António Borges, membro de CSL do Partido e presidente do comité de Estado da região de Oio, e Jorge Barai, presidente do comité de Estado do sector de Farim, com os quais estudaram problemas relacionados com canalização de água e com a plantação do arroz. No final, os visitantes fizeram notar a necessidade de se proceder ao recenseamento dos habitantes e dos animais existentes na região a fim de haver dados estatísticos que facilitem o estudo objectivo das condições existentes.

Convenção

(Continuação da pág. 2)

recurso a este sistema, indica a comissão europeia.

Para o açúcar, a CEE oferece aos Estados da ACP uma saída garantida de 1,4 milhões de toneladas por ano, para as quais compromete-se a pagar ao menos o preço garantido aos seus próprios produtores em caso de queda dos cursos mundiais. O preço europeu está actualmente próximo do preço mundial.

Argentina

Os meios oficiais de Buenos Aires mantêm um silêncio absoluto sobre o situação actual da ex-presidente Maria Estela Péron, que foi conduzida na quarta-feira à residência «El Messidor», um dos lugares habituais de férias dos presidentes argentinos, a 1200 quilómetros ao sul da capital, na província de Neuquén. Soube-se igualmente, pela Imprensa local, que Estela Péron tem por companhia uma criada que tinha trazido do seu exílio em Espanha, e que os outros ocupantes de «El Messidor» são os membros do pessoal doméstico ligado à propriedade.

ATENTADO BOMBISTA EM LONDRES

LONDRES (AFP) — Oito e cinco feridos, dos quais oito crianças com idades de três a onze anos — tal é o balanço definitivo do atentado à bomba lançado no sábado passado à tarde contra o salão londrino de Artes Domésticas.

Este atentado, o mais sangüinário registado em Londres desde aquele organizado em Março de 1973 contra o tribunal de Old Bailey, onde mais de cem pessoas, tinham sido feridas, foi reivindicado pela «Força dos Voluntários Irlandeses», grupo dissidente da IRA, violentamente oposto ao «cessar-fogo» decretado há mais de um ano pelos «Provos».

A bomba, de mais de um Kilo, explodiu pouco depois das 16 horas TMG, no momento em que 15.000 visitantes vindos com suas famílias se encontravam nas imensas salas de exposição do «Olimpia», na parte Ocidental da capital.

A bomba tinha sido colocada de maneira a causar o máximo de vítimas: ao pé de uma escada mecânica, situada no centro da principal sala do «Olimpia». Quatro pessoas, que se encontravam ao pé da escada, foram gravemente feridas e sofreram amputações. A deflagração fez voar igualmente em fragmentos dezenas de garrafas de cerveja irlandesa, ferindo assim na cara e nas pernas numerosos outros visitantes.

Este atentado, que transtornou a opinião pública britânica, provocou uma vasta operação de segurança em Londres, onde a Scotland Yard multiplica as buscas à população e as rusgas nos bairros irlandeses.

ARGENTINA: GENERAL RAFAEL VIDELA É O NOVO PRESIDENTE



BUENOS AIRES (AFP) — Os chefes do Estado-Maior dos três ramos das Forças Armadas argentinas, que tomaram o poder quarta-feira, permanecerão nas suas funções durante três anos, anuncia-se em Buenos Aires. A Junta será «o órgão supremo da nação», e «supervisionará o estreito cumprimento dos objectivos fixados», fizeram saber além disso, as autoridades.

O chefe do poder executivo será designado pela Junta entre os oficiais superiores das Forças Armadas, e será substituído, em caso de ausência, pelo ministro do Interior, indicaram ainda.

Uma comissão legislativa, composta por nove oficiais escolhidos à razão de três por cada ramo, será proximamente designado, soube-se igualmente. Ela será encarregada da elaboração e da apli-

cação das leis e trabalhará em colaboração com os ministros e secretários de estado.

Por outro lado, as autoridades confirmaram a suspensão de todos os partidos políticos do país, já anunciada na quarta-feira última, assim como a proibição das actividades das 62 organizações sindicais peronistas.

Indica-se, por fim, que o abastecimento de Buenos Aires processa-se normalmente. Muitos produtos, nomeadamente alimentares, que nos últimos tempos do precedente regime, tinham desaparecido do mercado, estão agora disponíveis em todas as lojas. Regista-se, por outro lado, uma baixa de preços em muitos artigos, especialmente a carne.

O comandante do Exército argentino, general Jorge Rafael Videla, foi nomeado na sexta-feira à tarde Presidente da República argentina, pela Junta Militar do governo.

As regras de funcionamento interno definidas pela Junta Militar prevêem que «o Presidente da Nação» será um oficial superior das Forças Armadas designado pela Junta. O general Videla é um dos três chefes militares que compõem a Junta, juntamente com o comandante em chefe da Marinha, o almirante Emilio Massera, o chefe de Estado-Maior da Força Aérea, general-brigadeiro Orlando Agosti.

O general Videla iniciou ontem as suas novas funções, após uma decisão do governo.

LÍBANO: AS FORÇAS PROGRESSISTAS PEDEM A DEMISSÃO DE FRANGIE

BEIRUTE (AFP) — A visita a Damasco de Yasser Arafat, Presidente do Comité Executivo da Organização de Libertação da Palestina, parece ter aproximado a eventualidade de um cessar-fogo no Líbano.

Entretanto, a pressão militar das forças progressistas, nomeadamente no quartelão da velha cidade em Beirute, prosseguiu durante a tarde de ontem e o hotel «Hilton», o último bastião da resistência falangista no sector, caiu ao princípio da tarde.

Numa declaração à Imprensa, Karim Pakradouny, membro do Bureau Político dos falangistas, anun-

ciou que Abdel Halim Khaddam, ministro sírio dos Negócios Estrangeiros, lhe tinha informado por telefone sobre o resultado das conversações dos dirigentes sírios com Yasser Arafat. «Khaddam, indicou o responsável falangista, qualificou essas conversações de excelentes, acrescentando que a decisão sobre o cessar-fogo não era mais que uma questão de horas, e que poderia mesmo ter sido retomada durante o dia de ontem.

Yasser Arafat conversou no domingo em Damasco com o general Hafez Al Assad, chefe de estado sírio, durante cinco horas. Encontrou-se também com Vladimir Vinogradov que, segundo a agência palestina de informações «Wafa», lhe entregou «uma mensagem importante de dirigentes soviéticos».

Entrando durante a tarde, no Líbano, Arafat parou em Aley, na montanha libanesa, onde teve conversações com Kamal Joubblatt, dirigente da esquerda libanesa, que tinha estado no sábado na capital síria.

O dirigente socialista libanês classificou de «útil» a sua visita a Damasco, tendo indicado que as suas conversações com os dirigentes sírios tinham mostrado «uma divergência de pontos de vista», que não quis precisar no momento quais, «sobre numerosas questões».

Depois, na rádio controlada pelos partidários do general Aziz Al Ahdab, Joubblatt considerou que Frangie devia demitir-se «nos dois ou três dias a seguir à modificação do artigo 73 da Constituição» (que deve permitir eleger um chefe de estado seis meses antes do prazo do mandato do actual presidente).

LOPO DO NASCIMENTO NA ARGÉLIA

ANGOLA PRETENDE ADERIR À O.P.E.P.

ARGEL (TASS) — Lopo do Nascimento, Primeiro-Ministro da RPA deixou no sábado último Argel, durante a sua visita à Argélia, o chefe de governo angolano foi recebido por Houari Boumediene, Presidente do Conselho da Revolução.

Lopo do Nascimento declarou numa entrevista concedida ao jornal «El Moudjahid» que a cooperação entre a Argélia e Angola se reforça e amplia. Ele citou nomeadamente a cooperação nos domínios do petróleo e do comércio.

DECLARAÇÕES DE LOPO DO NASCIMENTO

ARGEL (AFP) — Angola pretende fazer parte da OPEP (Organização dos Países Produtores do Petróleo), declarou Lopo do Nascimento, Primeiro-Ministro angolano, numa entrevista publicada no sábado passado pelo quotidiano «El Moudjahid».

O chefe do governo angolano, que concluiu uma visita oficial de 48 horas a Argel, declarou que o seu país tinha já «tomado contacto a nível bilateral com os países membros da OPEP» para aderir a esta organização. «Nós pensamos que as riquezas naturais dos países do «terceiro mundo» devem pertencer a estes países e nós pensamos também que a melhor forma de nos defendermos, é associando-nos aos outros países produtores. Isto diz também respeito tanto ao petróleo como às outras matérias-primas».

Interrogado sobre as negociações em curso entre o governo angolano e a companhia americana «Gulf Oil» para a retomada da exploração do petróleo de Cabinda,

Lopo do Nascimento criticou a atitude desta companhia que, afirmou ele, «equivale a uma agressão económica porque a paragem das perfurações faz-nos perder mais de um milhão e meio de dólares por dia, o que é economicamente insuportável para a RPA».

«Deve, disse ele, retomar as suas actividades continuando também as discussões connosco. Eu penso também que devo assinalar que a «Gulf Oil» não respeitou mesmo os acordos em vigor.

Um dos problemas mais importantes para nós é a formação de quadros e o controle das actividades das companhias que operam

sobre o nosso solo. Iremos fazê-lo com a ajuda dos países irmãos e amigos. Nós estabelecemos novas bases de discussão não somente com a «Gulf Oil» mas também com outras companhias, de acordo com os interesses do nosso país».

Finalmente, Lopo do Nascimento felicitou-se pelas perspectivas de cooperação económica entre a Argélia e Angola. «Nós encetamos a cooperação nos domínios do petróleo e do comércio. Estamos em vias de preparar vários acordos de cooperação de Transportes e de Finanças e para a formação de quadros», disse ele.

CONGO

APELO DO PRESIDENTE N'GOUABI AOS TRABALHADORES

BRAZZAVILLE (TASS) — Marien N'Gouabi, Presidente da República Popular do Congo, reiterou o empenho do Congo na via escolhida pelo seu povo, que é a do desenvolvimento não-capitalista.

Falando no decorrer de um grande «meeting» dos trabalhadores, na capital congoleza, Marien N'Gouabi insistiu sobre a necessidade de radicalizar o processo revolucionário no país. O Presidente sublinhou, particularmente, que as palavras de ordem

revolucionárias do Partido Congolês do Trabalho deviam-se traduzir na prática quotidiana do Partido. Observou que o Partido devia dar uma maior atenção à promoção dos quadros.

O Presidente apelou a todos os membros do Partido a nunca esquecer que a Revolução no Congo tinha sido realizada no interesse do povo trabalhador. A nacionalização dos diversos sectores industriais, o aumento de salários dos trabalhadores, a bai-

xa de preço dos medicamentos e outras medidas económicas e sociais têm por objectivo melhorar o bem-estar do povo, sublinhou o chefe de estado.

Assinalando o papel das organizações de massa na vida social do país, N'Gouabi declarou que os sindicatos e as outras organizações de massa devem contribuir para a prática das decisões elaboradas pela direcção do Partido.

LONDRES (TASS) — No fim do primeiro escrutínio para a eleição do novo líder do Partido Trabalhista, que ocupará o cargo de Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha, em substituição de Harold Wilson, que se dimitiu, Michael Foot, ministro do Emprego, obteve o mais elevado número de sufrágios.

Mas, pelo facto de ter conseguido 90 votos, sem contudo ter obtido mais de metade dos 317 membros da facção Trabalhista indispensáveis, para vencer, novas eleições, serão realizadas a 30 de Março.

SOMÁLIA E JUGOSLÁVIA: PONTOS DE VISTA COMUNS

BELGRADO (AFP) — Segundo a agência «Tanyoung», foi preconizada no sábado, em Belgrado, pelo marechal Tito e o Presidente somaliano, general Siad Barre, uma tomada de posição comum «dos países interessados e do mundo não-alinhado» a favor da autodeterminação de Djibouti. Nas suas conversações, que tiveram como ponto fulcral, os problemas da descolonização, os dois chefes de estado evocaram, nomeadamente, os esforços que convém desempenhar, segundo eles, a fim de ajudar o povo de Djibouti a «ultrapassar o seu estatuto colonial».

SADAT NA EUROPA...

O presidente Sadate começou ontem uma grande viagem europeia de carácter político, económico e militar. De 29 de Março a 9 de Abril, visitará sucessivamente a Alemanha Federal, França, Itália, Santa Sé, Jugoslávia e a Austria.

...HUSSEIN NOS E.U.A. ...

AMMAN (AFP) — O rei Hussein da Jordânia deixou Amman, no domingo, com destino aos Estados Unidos para uma visita de vários dias. O soberano jordânico foi acompanhado por Zeid Rifa'i, Primeiro-Ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros e da Defesa.

...E MOBUTU NA SUÍÇA

KINSHASA (AFP) — O Presidente Mobutu Sese Seko da República do Zaire, partiu de Kinshasa, no sábado, para a Suíça, «a pedido dos seus médicos». O chefe de estado zairota permanecerá ausente do seu país durante quinze dias. Segundo a imprensa zairota de domingo, os médicos «imploram» ao general Mobutu para que consentisse em repousar durante uns dias.

PORTUGAL: POLÍCIA ESPECIAL

LISBOA (AFP) — Foi criado e apresentado oficialmente, no sábado de manhã, no decorrer de uma cerimónia pública, em Lisboa, um destacamento especial de intervenção da Polícia portuguesa. Este destacamento, composto de 400 homens, poderá ser chamado a intervir não importa em que ponto do território nacional.

COMBATES NO SAHARA

NOUAKCHOTT (AFP) — Um violento encontro entre o exército mauritaniano e as forças da POLISARIO, teve lugar na quinta-feira passada, ao norte de Bir Moghrein (a mil quilómetros ao nordeste de Nouakchott), perto da fronteira com o Sahara, soube-se, no sábado em Nouakchott, de fonte oficial. Morreram, durante os combates, que duraram nove horas, três soldados mauritanianos e ficaram gravemente feridos dois, precisa a mesma fonte.

Futebol

Benfica de Bissau perdeu no Senegal

Com vista ao estabelecimento de um intercâmbio desportivo com os países vizinhos, a equipa de futebol do Benfica de Bissau deslocou-se no passado sábado a Zinguinchor, onde realizou um jogo contra uma equipa local, o Casa-Sport, tendo saído derrotado por 1 a 0.

O golo foi marcado aos 3 minutos do segundo tempo, por Basse Ndiaye.

Por esta deslocação, o jogo Balantas-Benfica, a contar para a segunda jornada da segunda volta, ficou adiado para data a indicar.

Os restantes jogos desta mesma jornada, realizados no passado fim de semana tiveram os seguintes resultados: Sporting de Bissau, 3 — Cantchungo 2; UDIB, 8 — Bissorã, 0; Gabú, 1 — Ténis Clube, 1; Bafatá, 1 — Estrela Negra, 0; Farim, 1 — Ajuda Sport, 0; e Tombali, 1 — Bula, 1.

Em reservas, o Ténis Clube perdeu por 1-2, frente às FARP e a UDIB perdeu por 5-1, frente ao Sporting.

Em júniores, o Ténis Clube somou três pontos por falta de comparência do Sporting, e o Benfica perdeu por 0-1, frente à UDIB.

TORNEIO EM BISSAU

A comissão organizadora do grupo «As Velhas Saudades de Bolama», leva a efeito um torneio quadrangular de futebol, para disputa de uma valiosa taça que se encontra exposta ao público na montra da «Casa Escada».

O primeiro jogo realizou-se amanhã, quarta-feira, pelas 21 horas, no Estádio «Lino Correia», entre as equipas do Sporting de Bissau e «Os Balantas» de Mansoa. O segundo jogo porá frente a frente as equipas do Benfica e da UDIB.

ANGOLA: A LUTA DE RECONSTRUÇÃO NACIONAL

LUANDA (TASS) — Agostinho Neto, Presidente da República Popular de Angola, iniciou uma viagem na província do Uíge. Tomará conhecimento sobre os problemas da província, que durante alguns meses esteve ocupada pelos bandos da FNLA, da UNITA e dos mercenários estrangeiros.

O Presidente encontrar-se-á com os dirigentes dos órgãos locais do poder, assim como os representantes dos trabalhadores e de diferentes organizações.

Está em vias de se realizar na República Popular de Angola, dirigido pelo MPLA, um programa de reconstrução e levantamento da economia nacional, devastada pelos intervenzionistas. Os habitantes estão empenhados em restabelecer as cidades e as aldeias destruídas pelo inimigo, em reparar as pontes e as estradas danificadas. Várias empresas industriais abriram as suas portas, graças à ajuda do Estado e à acção entusiástica das massas populares; importantes fazendas agrícolas normalizaram o seu trabalho.

Todavia, a República Popular de Angola tem para resolver numerosos problemas em suspenso. A indústria e a agricultura debatem-se com dificuldades. A produção industrial foi reduzida, quase duas vezes, devido às hostilidades desencadeadas pelos intervenzionistas e a reacção interna. Assinala-se uma grave penúria de quadros qualificados e, sobretudo, de professores e médicos. Somente um em cada dez angolanos sabe ler.

Entretanto, o processo de normalização conhece ritmos elevados. Contribuiu com uma boa parte o controle do povo estabelecido nas empresas, cujos proprietários deixaram o país, a criação de cooperativas de produção nas regiões rurais, assim como uma luta enérgica aos que se entregam aos actos de sabotagem, especulação e de delapidação dos bens pertencentes ao Estado. Os soldados e os comandantes das Forças Armadas da República, dão uma assistência apreciável à normalização da vida nas regiões urbanas e rurais.

As informações chegadas à capital, testemunham o entusiasmo do povo que sacudiu o jugo colonial e opôs uma resposta fulminante aos intervenzionistas.

CHEGARAM A LUANDA DOIS «BOEING»

LUANDA (AFP) — Chegaram na quinta-feira a Luanda os dois «Boeing 737» comprados pelo Governo angolano à companhia americana «Boeing», e cuja entrega tinha sido bloqueada. Os dois aparelhos devem servir as linhas internas angolanas e assegurar as ligações com os países africanos

que estabeleceram acordos com a República Popular de Angola.

DECLARAÇÕES DE CUNHAL À PARTIDA DE LUANDA

«A situação em Portugal é instável e perigosa», declarou na sexta-feira, em Luanda, Álvaro Cunhal, Secretário-Geral do Partido Comunista Português, durante uma conferência de imprensa, no final de uma estadia de 48 horas em Angola.

Cunhal afirmou que «existe um perigo real para a Revolução portuguesa, que é o da restauração da ditadura reaccionária. As forças reaccionárias — disse — conquistaram nestes últimos meses posições diversas e procuram liquidar as liberdades em Portugal e restituir o poder económico e político aos monopólios e aos grandes proprietários».

Recordando que o PCP «encontra-se na clandestinidade nos Açores e nas diversas regiões do país», Cunhal

considerou «que apesar desta situação anti-democrática, existem forças para impedir a vitória da direita reaccionária».

Por outro lado num comunicado comum, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e o PCP «reafirmam o interesse das duas partes em desenvolver os seus laços de amizade e de cooperação». As relações entre os dois povos, acrescenta o comunicado, devem «ser baseadas no respeito mútuo, na completa igualdade, independência e não-intervenção nos assuntos internos».

O comunicado exige, por outro lado, a evacuação de Angola das tropas sul-africanas, «manifesta o apoio das duas delegações às justas medidas tomadas por Moçambique contra o regime racista e a agressão da Rodésia (...) e a sua solidariedade com a luta dos povos da Namíbia, do Zimbabwé e a luta do povo da África do Sul contra o regime do «apartheid».

Apoio aos patriotas do Zimbabwé

MAPUTO (TASS) — A cimeira que reuniu em Lusaka os presidentes das repúblicas de Moçambique, Tanzânia, Zâmbia e do Botswana, foi dominada pelos problemas respeitantes à concessão de um vasto apoio aos patriotas em luta contra o regime racista da Rodésia. Os participantes neste «forum» insistiram sobre a consolidação de todas as forças, para a libertação nacional deste país de África. Esta declaração foi prestada por Samora Machel, Presidente da República Popular de Moçambique no seu regresso de Lusaka.

Os presidentes discutiram igualmente problemas que dizem respeito à realização de uma nova estratégia de luta contra os racistas rodésianos, a seguir à recusa formulada pelo regime racista de Smith em satisfazer as exigências legítimas do povo do Zimbabwé, que é a passagem do poder no país à maioria africana.

AUXÍLIO A MOÇAMBIQUE

DAR-ES-SALAM (APS) — Num comunicado publicado em Dar-Es-Salam, no final de uma visita à Tanzânia de uma delegação iraquiana, a Tanzânia e o Iraque estão de acordo em conceder uma ajuda a Moçambique.

«Os dois países felicitam-se a propósito da decisão de Moçambique e apoiam inteiramente a luta libertadora dos nacionalistas e do

povo Zimbabwé, da Namíbia e da África do Sul, sublinha o comunicado conjunto.

OIO

TRABALHO POLÍTICO

Teve lugar na secção de Besun Naga, sector de Bissorã, uma reunião de trabalho, presidida pelo camarada Sanhá Purna, Comissário Político local.

Assistiram à reunião os camaradas Mussá Dabó, Lúcio Spencer, respectivamente responsável pela Saúde na secção e responsável pela Economia e Finanças do sector de Bissorã, Membros do Comité de Base, professores e população em geral.

Foram discutidos problemas relacionados com a recuperação de bolanhas, trabalho voluntário e higiene em cada tabanca, recenseamento de jovens a fim de os integrar na JAAC, educação e a sua importância, colaboração entre encarregados de educação e professores, baixa de preços dos artigos de primeira necessidade.

Após a troca de impressões sobre estes assuntos o camarada Purna chamou a atenção dos «furadores» de vinho de palmo no sentido de se precaverem contra as quedas das palmeiras, muitas vezes provocadas pelos efeitos do álcool consumido.

REUNIÃO EM BISSORÃ

Sob a presidência dos camaradas José Gomes e Wagner Tchuda, respectivamente Presidente e Vice-Presidente do sector de Bissorã, realizou-se nesta localidade uma reunião com a participação de todos os membros dos Comités de Base.

Tratam-se de assuntos relacionados com as actividades de cada comité nesta fase de Reconstrução Nacional e do pagamento do imposto de Reconstrução e da quota do Partido.

Usando depois da palavra a camarada Antónia Teixeira do Comité de Base do Bairro de Gã Banana frisou a firme determinação do mesmo comité no sentido de dar toda a sua contribuição para o serviço da Pátria. Sublinhou ainda que o pagamento do imposto é um dever dos cidadãos, fazendo lembrar que enquanto o antigo imposto domiciliário da época colonial revestia totalmente a favor da potência colonizadora, o presente imposto «é pago por nós e para nós».

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

SOMOS 4 MIL MILHÕES!

WASHINGTON (AFP) — Hoje, terça-feira, às zero horas, a população mundial atingiu a cifra de quatro mil milhões, o dobro dos habitantes do planeta há quarenta e seis anos atrás, anunciou «O Secretariado da População», em Washington.

TITO NA SUÉCIA

ESTOCOLMO (AFP) — O marechal Josip Broz Tito, Presidente da República da Jugoslávia, chegou a Estocolmo, para uma visita oficial de três dias.

O marechal Tito foi acolhido no aeroporto de Estocolmo pelo rei Carlos Gustavo XVI. A esposa do estadista jugoslavo não o acompanhou na viagem por se encontrar doente.

DELEGAÇÃO SUECA EM ANGOLA E MOÇAMBIQUE

ESTOCOLMO (AFP) — Uma delegação sueca chefiada pelo secretário de estado dos Negócios Estrangeiros, Anders Thunborg, visitará Angola de 4 a 10 de Abril. A delegação será composta de vários representantes do ministério dos Negócios Estrangeiros e do Comércio Externo, assim como da Indústria. A delegação sueca terá em Luanda, conversações com as autoridades angolanas sobre questões económicas e políticas. Anders Thunborg visitará em seguida a Zâmbia, a Tanzânia e Moçambique, onde terá conversações com os respectivos governos, sobre a situação na África Austral.

PORTUGAL: BRIGADA ANTI-FASCISTA

LISBOA (AFP) — Foi criada em Portugal uma «Brigada de Intervenção Anti-Fascista» (BIAF), que se propõe «julgar sumariamente todos os contra-revolucionários e executar no domicílio os principais fascistas», anunciou um panfleto desta organização assinada: «Pelo Comité Executivo: Raúl Ramires». O BIAF tem igualmente como objectivo «a reduzir ao silêncio pela força a imprensa reaccionária, destruir as sedes dos partidos burgueses e institucionalizar o poder popular».

No seu panfleto, a «Brigada de Intervenção Anti-Fascista» declara que «a hora é de luta, quando a burguesia tenta a todo o preço instaurar uma ditadura da direita e quando os laços do imperialismo americano, ajudados pela CIA criminoso, estão prontos a transformar o país num campo de concentração para todos os explorados e oprimidos». O BIAF anuncia por fim que vai difundir muito proximamente «uma lista detalhada de todos os inimigos do povo a abater».

Entrevista com o camarada Pedro Pires

(Continuação da página 6)

Vicente. Aumentaram os salários excessivamente em relação a Santo Antão o que provocou a vinda de muita gente de Santo Antão e o conseqüente aumento no número de desempregados em S. Vicente onde a situação social foi sempre mais difícil.

«RECURSO À CONSTRUÇÃO CIVIL PARA REDUZIR A TAXA DE DESEMPREGADO»

Para fazer face ao problema, nós lançamos mão, em primeiro lugar, à construção civil para preparar as infraestruturas de bairros de habitação em S. Vicente. Isso empregou um certo número de pessoas. Criámos a empresa estatal de construção que tem grande parte da sua base

em S. Vicente e dinamizámos a indústria de construção civil, fazendo com que indivíduos de S. Vicente, sejam empresas que existiam, sejam particulares, se interessarem na construção civil. Isso dar-nos-á tempo para garantir o mínimo necessário de emprego e ir criando condições, de facto, para uma luta mais eficaz contra o desemprego. Por enquanto as soluções são apenas de carácter paliativo e não resolvem definitivamente o problema. Há também uma série de construções que as Câmaras locais devem realizar. Pensamos neste momento em reunir meios financeiros para isso.

Estámos em vias de criar um Fundo Nacional de Desemprego do qual, uma certa parte iria para resolver o problema de S. Vicente. Temos feito um esforço

para acompanhar a situação social na ilha, não a deixar piorar e melhorá-la, pouco a pouco. Pensamos dar toda uma vida nova ao porto de S. Vicente mas isso precisa de um estudo por especialistas. S. Vicente pode servir como entreposto comercial em relação à costa de África porque temos uma situação geográfica bastante importante.

Tanto para S. Vicente como para outras ilhas temos alguns projectos de indústrias importantes. Mas não podemos falar deles porque, primeiro, seria demagogia, e, em segundo lugar, poderiam acusar-nos de fazer propaganda. Nós não gostamos de fazer demagogia e dizer aquilo que não é verdade. Nunca gostámos de prometer uma coisa que posteriormente não possamos realizar.